

IJ00279/17

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
Coordenação Estadual do Planejamento  
Grupo Executivo de Recuperação Econômica do Espírito Santo



DIVINO S. LOURENÇO

## RELATÓRIO MUNICIPAL

IJ00279/17

6380/1984

EX: 1

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

JONES DOS SANTOS NEVES

**GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**  
Coordenação Estadual do Planejamento  
Grupo Executivo de Recuperação Econômica do Espírito Santo

**DIVINO S. LOURENÇO**

**RELATÓRIO MUNICIPAL**  
**PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO**

**INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES**

17



It00279 (17)  
6380/84  
22:01

6380/84  
22:01  
22:01  
22:01

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO  
GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO  
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

RELATÓRIO MUNICIPAL DE DIVINO SÃO LOURENÇO



JULHO/83

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

*Gerson Camata*

COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO

*Orlando Caliman*

GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO  
ESPÍRITO SANTO

*José Teófilo de Oliveira*

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

*Manoel Rodrigues Martins Filho - Diretor Superintendente*

*Vera Maria Simoni Nacif - Coordenadora Técnica*

EQUIPE TÉCNICA

COORDENAÇÃO

*Isabel Pêres dos Santos*

PESQUISA DE CAMPO

*Marcelo Carneiro Santiago*

*Sonia Maria Dalcomuni*

ELABORAÇÃO

*Marcelo Carneiro Santiago*

ORGANIZAÇÃO

*Madalena de Carvalho Nepomuceno*

ÍNDICE	PÁGINA
1. ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	4
2. DEFINIÇÃO DOS SETORES DE PRODUÇÃO .....	10
2.1. OBSERVAÇÕES GERAIS .....	10
2.2. OBSERVAÇÕES ESPECÍFICAS .....	12
3. CONDIÇÕES GERAIS DA PRODUÇÃO .....	13
3.1. CONDIÇÕES NATURAIS .....	13
3.2. CONDIÇÕES CRIADAS .....	18
4. ESTRUTURA AGRÁRIA .....	20
4.1. ESTRUTURA FUNDIÁRIA .....	20
4.2. ESTRUTURA AGRÁRIA POR CULTURA .....	24
5. COMERCIALIZAÇÃO .....	27
6. INTERVENÇÃO DO ESTADO NA PRODUÇÃO E NA COMERCIALIZAÇÃO ..	29
7. POPULAÇÃO E SITUAÇÃO SOCIAL .....	32

O Relatório Municipal é um breve diagnóstico sócio-econômico da realidade de cada município, a partir das atividades agropecuárias desenvolvidas nestes espaços geo-econômicos. Assim sendo, foram definidos os seguintes eixos, sobre os quais se centrou tal estudo:

- . *Processo Produtivo* - estuda as relações do homem com a natureza, estrutura fundiária, relações de trabalho e uso do solo.
- . *Realização da Produção* - assenta-se no estudo das diversas fases da comercialização, características do mercado, bem como da subordinação da produção (monopsônios, oligopsônios) e os obstáculos à realização da mesma.
- . *Situação Social* - o estudo é dirigido às organizações sociais, enfatizando-se as organizações da classe patronal e da classe trabalhadora que se dão através dos sindicatos, igrejas e da atuação das cooperativas (isto é, naqueles municípios em que a cooperativa tem papel mais significativo).
- . *Intervenção do Estado* - intervenção esta que se dá no âmbito da produção e da comercialização, através do crédito, do AGF (Aquisição pelo Governo Federal), do EGF (Empréstimo do Governo Federal), e demais políticas e programas setoriais.

Para a análise do município, apoiada nos eixos citados anteriormente, foram utilizadas as seguintes informações:

- 1) Dados secundários do IBGE, 1980 - foram utilizados dados referentes aos setores censitários, que depois de organizados devidamente, contribuíram para a elaboração de mapas de estrutura fundiária (número e área) e densidade demográfica.

2) Pesquisa de Campo - foram efetuadas consultas aos seguintes órgãos:

- . Emater (Escritório Local)
- . Sindicato Rural Patronal
- . Sindicato dos Trabalhadores Rurais
- . Cooperativas
- . Igrejas

Para esse estudo, e em decorrência dos contatos com os órgãos descritos acima, o município teve seu território dividido em áreas, de acordo com a distribuição espacial das culturas, denominadas *Setores de Produção*. Por exemplo, a área que produz café, milho, feijão e arroz foi chamada de Setor de Produção 1; a área cujas atividades predominantes são a pecuária e a mandioca, foi chamada de Setor de Produção 2 e assim por diante. Além desta divisão, as culturas foram, dentro de cada setor, classificadas de acordo (principalmente) com a geração de renda. Neste caso, em ordem decrescente de importância, as culturas se classificam em:

- . Principal (P)
- . Secundária (S)
- . Subsistência (SB)
- . Embrionária (E)
- . Potencial (PT)

A razão da existência dos Relatórios Municipais, a *priori*, seria a de dar subsídios à realização dos PDRI's - Programas de Desenvolvimento Regional Integrado, através de informações devidamente sistematizadas. Os PDRI's são diagnósticos elaborados para cada uma das cinco Regiões-Programas em que o Espírito Santo está oficialmente dividido.

Na redação do Relatório Municipal foi utilizada uma série de termos, frutos de longa discussão e elaboração metodológicas. Outros foram incorporados, na medida em que se necessitava da explicitação de uma realidade ampla e complexa. Esta terminologia será aqui decodificada para uma melhor compreensão destes diagnósticos:

- . *Setor de Produção* - divisão espacial do município de acordo com uma determinada cultura hegemônica (ex.: cana) ou um conjunto de culturas

existentes. Cada setor seria, a princípio, caracterizado pelas principais culturas que se desenvolvem em seu interior.

- . *Bolsão* - entende-se por *Bolsão*, a delimitação geo-econômica de alguma cultura ou grupo de culturas combinadas que sobrevivem no interior do *Setor de Produção*.
- . *Setor Censitário* - é uma divisão espacial feita pelo IBGE para recenseamentos. Compreende uma fração do território municipal passível de ser coberta por um só recenseador (em média 250 domicílios). Esta divisão é denominada *Malha Censitária* e é ajustada a casa censo.
- . *Complexo* - É um espaço geo-econômico, pertencente a uma *Região-Programa*<sup>1</sup> que pode ou não ultrapassar os limites municipais ou dos *Setores de Produção*. *A noção de Complexo se define por uma particular articulação de culturas e relações de produção, imprimindo uma determinação dinâmica à produção de cada espaço rural específico*<sup>2</sup>. Assim sendo, o nome do Complexo é dado pelas principais (ou principal) culturas na geração da renda deste espaço. Por exemplo, a área em que o café é o responsável pela maior parte da renda gerada seria denominada Complexo - Café; no caso da pecuária e a mandioca juntos, Complexo - Pecuária/mandioca; assim por diante.
- . *Região-Programa* - O Espírito Santo foi dividido oficialmente em cinco *Regiões-Programas* para fins de planejamento:
  - . Região-Programa I - Vitória
  - . Região-Programa II - Colatina
  - . Região-Programa III - Nova Venécia
  - . Região-Programa IV - Linhares
  - . Região-Programa V - Cachoeiro de Itapemirim



<sup>1</sup>O conceito de Região-Programa será dado a seguir.

<sup>2</sup>Transcrito do item Aspectos Metodológicos do PDRI - *Região Programa II - Colatina*.

### *Condições do Produtor<sup>3</sup>*

- 1) Proprietário - quando as terras do estabelecimento, no todo ou em parte, fossem de sua propriedade (inclusive por usufruto e enfiteuse).
- 2) Arrendatário - sempre que as terras do estabelecimento tivessem sido tomadas em arrendamento, mediante o pagamento de uma quantia em dinheiro (fixo), ou sua equivalência em produtos.
- 3) Parceiro - quando as terras do estabelecimento fossem de propriedade de terceiros e estivessem sendo exploradas em regime de Parceria, mediante contrato verbal ou escrito, do qual resultasse a obrigação de pagamento ao proprietário, de um percentual da produção obtida.
- 4) Ocupante - nos casos em que a exploração se processasse em terras públicas, devolutas ou de terceiros (com ou sem consentimento do proprietário), nada pagando o Produtor pelo seu uso.

### *Relações de Trabalho*

- 1) Mão-de-Obra Familiar - é composta pelos componentes da família do proprietário.
- 2) Assalariado Permanente e Assalariado Temporário - na categoria assalariados foram consideradas as pessoas que trabalhavam mediante remuneração em dinheiro. Os assalariados são apresentados discriminadamente em: assalariado permanente, os que exerciam atividade de caráter efetivo ou de longa duração e assalariado temporário, os contratados para atividades eventuais ou de curta duração.
- 3) Parceiros<sup>4</sup> - são consideradas as pessoas subordinadas à administração do estabelecimento, que percebiam como remuneração, parte da

<sup>3</sup>Transcrição do Censo Agropecuário - FIBGE - 1975.

<sup>4</sup>Idem Nota 3.

produção obtida com seu trabalho (meia, terça, quarta, etc.).

*Utilização das Terras*<sup>5</sup>

- 1) Lavouras Permanentes - compreendendo terras plantadas ou em preparo para o plantio de culturas de longa duração, tais como: café, banana, laranja, cacau, uva, etc., após a colheita não necessitam de novo plantio.
- 2) Lavouras Temporárias - abrangendo as áreas plantadas ou em preparo para o plantio de culturas de curta duração (via de regra menos que um ano) e que necessitam, geralmente, ser plantadas após cada colheita, tais como: arroz, algodão, milho, trigo, flores, hortaliças, etc. Incluíram-se também nesta categoria as plantas forrageiras destinadas a corte.
- 3) Terras em descanso - terras habitualmente utilizadas para o plantio de Lavouras Temporárias, que se encontram em descanso por prazo não superior a 4 anos em relação ao último ano de sua utilização.
- 4) Pastagens Naturais - constituídas pelas áreas destinadas ao pastoreio de gado, sem terem sido formadas mediante plantio, ainda que tenham recebido algum trato.
- 5) Pastagens Plantadas - áreas destinadas ao pastoreio, formadas mediante plantio.
- 6) Matas Naturais - formadas pelas áreas de matas e florestas naturais utilizadas para extração de produtos ou conservadas como reservas florestais.
- 7) Matas Plantadas - áreas plantadas ou em preparo para o plantio de essências florestais (acácia negra, eucalipto, pinheiro, etc.).

---

<sup>5</sup>Id., *ibid.* Nota 3.

- 8) Terras produtivas não utilizadas - áreas que se prestam à formação de culturas, pastos ou matas e não estejam sendo usadas para tais fins.
- 9) Terras inaproveitáveis - formadas por áreas imprestáveis para formação de culturas, pastos e matas, tais como: areias, pântanos, en costas íngremes, pedreiras, etc., e as formadas pelas áreas ocupadas com estradas, caminhos, construções, canais de irrigação, açudes, etc.



## 2.

## DEFINIÇÃO DOS SETORES DE PRODUÇÃO

## 2.1. OBSERVAÇÕES GERAIS

O Município de Divino São Lourenço tem como principais atividades econômicas o café e a pecuária. Apesar da pecuária de leite ocupar a maior parte da área explorada, o café é responsável pela maior parte da renda gerada no município.

É importante ressaltar que toda, ou quase toda, a pecuária do município é pecuária leiteira.

De uma forma geral, a pecuária é mais importante na faixa central que corta o município no sentido norte-sul, enquanto o café domina em toda a parte leste, fronteira com Alegre, e nas encostas da Serra do Caparaó.

As culturas de milho e feijão estão disseminadas por todo o município. A maior parte da produção é voltada para a subsistência, estando as mesmas intercaladas na cultura do café.



## QUADRO 1

## SETORES DE PRODUÇÃO

MUNICÍPIO: DIVINO SÃO LOURENÇO

SETOR DE PRODUÇÃO Nº	CULTURAS				OBSERVAÇÕES
	PRINCIPAL (S)	SECUNDÁRIA (S)	SUBSISTÊNCIA (SUB)	EMBRIONÁRIA (E)	
1	Pecuária	Café	Milho Feijão	Alho Jabuticaba nativa Mixirica nativa Ameixa nativa	
2	Café	Pecuária	Milho Feijão	Arroz segueiro (2) Alho (2) Jabuticaba nativa (3 e 4)	
3	Pecuária	Café	Milho Feijão		
4	Café Pecuária	Milho Feijão			

FONTE: Escritório Local da EMATER - Dez/81.

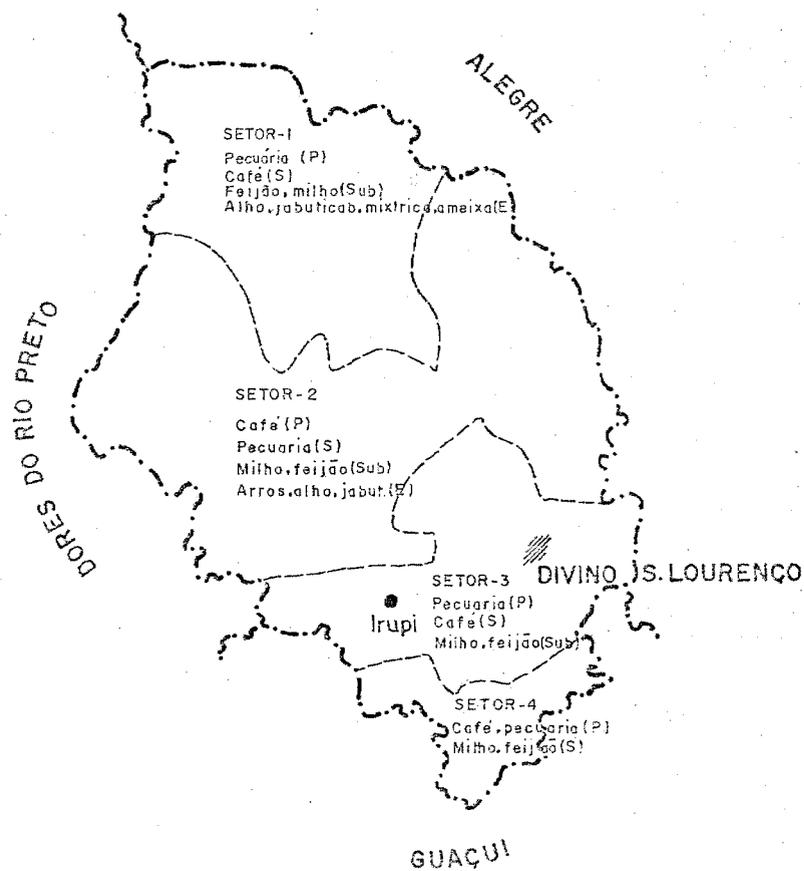
## 2.2. OBSERVAÇÕES ESPECÍFICAS

O alho, recentemente introduzido na parte norte do município, tende a se expandir.

Essa expansão é decorrente das boas condições de mercado para o produto, e vem se dando através da recuperação e sistematização de várzeas irrigadas. Deverá se efetuar um plantio de 25ha em 1982, o que poderá colocar o município entre os maiores produtores de alho do estado.

# MUNICÍPIO DE DIVINO S. LOURENÇO

## Setores de Produção



### CONVENÇÕES:

—— Limite Setorial

----- Limite Municipal

## 3.

## CONDIÇÕES GERAIS DE PRODUÇÃO

## 3.1. CONDIÇÕES NATURAIS

Apesar de 80,99% da superfície do município constituir-se de terras com declividade superior a 30%, cerca de 55,7% da mesma era ocupada por pastagens em 1980. Este uso vem se reduzindo, cedendo áreas para as lavouras permanentes (café), que atingiram no mesmo ano 19,6% da superfície municipal. A categoria outros era bastante expressiva ocupando cerca de 23% da superfície, principalmente, pela presença marcante de rochas e áreas com declividades elevadas, sendo menos significativas as áreas em descanso. Também são pequenas as áreas destinadas exclusivamente às lavouras temporárias que não chegam a cobrir 2% da superfície municipal.

O Mapa de Uso do Solo (Regional) a seguir mostra a dominância das pastagens em todos os setores censitários de 1980, e nos setores que cobrem a Serra do Caparaó aparece como subdominante a categoria outros, terras inaproveitáveis em descanso, etc.

O Quadro 2 mostra a localização das culturas e a rotação ou consorciação das culturas no município.

QUADRO 2  
LOCALIZAÇÃO DAS CULTURAS  
MUNICÍPIO DE DIVINO SÃO LOURENÇO

CULTURAS	TIPO DE TERRENO <sup>1</sup>	ROTAÇÃO E/OU CONSORCIAÇÃO (R. OU C)
Cafê	Áreas mais altas Tecnificado	Consortiado milho feijão
Pasto	Baixadas e morro	
Milho	Morro Baixada	Consortiado com café Solteiro
Feijão	Morro  Baixada	Consortiado café Consortiado milho  Solteiro Rotação com alho
Alho	Baixada	Rotação milho e feijão
Arroz de sequeiro	Baixada	Solteiro
jabuticaba nativa	Nas encostas do Ca paraõ	Nas matas e capoeiras
Ameixa nativa	Em todo o Município	

<sup>1</sup>Baixadas, encosta, alagados, no seco, etc.

OBS: Não existe terreno perfil. Todo terreno é ácido. São produz com adubação. O mais comum é encontrar o milho e feijão consortiados em rotação com o feijão das águas intercalado nas culturas do café ou em rotação com alho.

FONTE: Escritório Local da EMATER, dezembro/81



O período anual das chuvas vai de agosto a dezembro, mas ultimamente tem se alongado até janeiro. O estio vai de maio a julho. O município não apresenta problemas de grandes inundações nem de grandes secas. Somente as áreas ribeirinhas são inundadas, em dezembro, atingindo algumas pastagens. No estio os pastos também são as áreas mais atingidas.

A fertilidade natural do solo é bastante baixa mesmo nas baixadas. O terreno é ácido e para produzir é indispensável a sua correção.

A erosão ocorre de forma disseminada em todo o município principalmente devido a utilização das áreas de elevada declividade.

O técnico da EMATER observa que as baixadas geralmente são utilizadas para o gado e as lavouras permanentes são plantadas nos morros.

O Quadro 3 mostra o calendário agrícola donde podemos deduzir que a demanda pela força de trabalho é relativamente bem distribuída durante o ano.

CALENDÁRIO AGRÍCOLA

P/MES

CULTURAS	QUEIMADA <sup>1</sup>	PREPARO DA TERRA	SEMEADURA	TRANSPLANTE	TRATOS CULTURAIS	COLHEITA
Café	Agosto	Janeiro Agosto		Novembro Março	Setemb/Novemb. <sup>2</sup> Janeiro/março	15 maio a 15 julho Maio a novembro
Milho		Agosto/setembro	Out/Nov.		Nov/Dezembro	Abril/Maio
Alho <sup>3</sup>		Janeiro	Fevereiro		Março/Abril	Julho
Arroz		Setembro	Outubro		Novembro/Dez.	Fevereiro
Feijão das secas		Jan/Fevereiro Setembro/Out.	Fev/Março Set/Outubro		Fev. e março Out./Novembro	Nov/Dez/Jan
Pastagens	Ano todo		Nov/Fev		Jan/Fevereiro	

BS: <sup>1</sup>Queimadas - em pequena escala mais nas áreas de pastagens. Tem queimada para café em agosto.

<sup>2</sup>Colheita do café - concentra de maio a junho.

<sup>3</sup>Alho - foi feita experiência de plantio em agosto. Os tratos culturais são feitos duas vezes por semana nas culturas de alho março/abril - há concentração de atividades.

FONTE: Escritório Local da EMATER - Dezembro/81

QUADRO 4

CONDIÇÕES TÉCNICAS DE PRODUÇÃO

MUNICÍPIO DE: DIVINO SÃO LOURENÇO

CULTURA	QUEIMADA	PREPARO DA TERRA	SEMEADURA		TRATOS CULTURAIS				COLHEITA
			TIPO	MEC.	CAPINA	PRAGAS	IRRIGAÇÃO	ADUBAÇÃO	
Café	Pouco	Manual	Melhorada	Não	Manual	Combate	Não	Orgânica	Manual
Pasto									
Milho		Manual ou mecaniz.	Melhorada	Não	Manual	Existe mas não é com batida	Não	Orgânica	Manual
Feijão			Predomina Comum	Não	Manual	Não	Não	Não	Manual
Arroz		Manual	Comum	Manual	Manual	Não	-	Não	Manual

OBS: Pecuária pouca tecnificada, há uma certa melhoria de espécie.

FONTE: Escritório Local da EMATER, dezembro/81

### 3.2. CONDIÇÕES CRIADAS

O Quadro a seguir mostra que as estradas servem principalmente ao escoamento diário do leite e da safra de café, milho e feijão, ficando intransitáveis na época das chuvas.

O mapa indica que somente a sede é dotada de serviços telefônicos.

## CADASTRO DAS ESTRADAS VICINAIS (MUNICIPAIS)

MUNICÍPIO DE: DIVINO SÃO LOURENÇO

NOME E NÚMERO DE ESTRADA	SITUAÇÃO ATUAL E PRINCIPAIS PROBLEMAS (BUEIROS, PONTES, ATOLEIROS)	QUE TIPO DE PRODUÇÃO É POR ELA ESCOADA		QUAL DOS TIPOS É O PRINCIPAL	
		DIARIAMENTE	SAFRA	DIARIAMENTE	SAFRA
01. Divino São Lourenço/Santa Marta	Péssima, falta de pontes e boeiros, ex. de atol.	Leite	Milho, café, feijão	Leite	Café
02. Santa Marta/Mundo Novo	" " " "	"	" "	"	"
03. São Lourenço/Azul/P.Mundo N./DRP	" " " "	"	" "	"	"
04. Divino São Lourenço/Guaçuí	" " " "	"	" "	"	"
05. Div. São Lourenço/Nudon V. Rezende/ Ibitirama	" " " "	"	" "	"	"
06. Cachoeira Bonita/Perdido/Ibitirama	" " " "	"	" "	"	"
07. Faz. Stº Antônio/P. Canário/Ibit.	" " " "	"	" "	"	"
08. Piedade/São José/Guaçuí	" " " "	"	" "	"	"
09. D.S. Lourenço/C. Azul/C. Parado/Guaçuí	" " " "	"	" "	"	"
10. C. Azul/Serra Azul/Guaçuí	" " " "	"	" "	"	"
11. C. Bonita/Severino/Ibitirama	" " " "	"	" "	"	"

OBS: Necessidade da ligação asfáltica Iúna/Ibitirama/Divino São Lourenço/Guaçuí. Único município sem ligação asfáltica no Estado (ES).

As estradas na estação das chuvas principalmente em dezembro ficam intransitáveis.

FONTE: Prefeitura Municipal de Divino São Lourenço.

## 4.

## ESTRUTURA AGRÁRIA

## 4.1. ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Segundo os dados do Censo Agropecuário de 1980 do IBGE por setor censitário, a estrutura fundiária do município apresenta uma predominância de estabelecimentos pequenos, em termos de número de unidades produtivas. Do total de estabelecimentos agropecuários, 243 (88,3%) se encontram no estrato de 0-100ha (pequenos), enquanto 32 (11,6%) se constituem em estabelecimentos maiores de 100ha (médios e grandes).

A distribuição do número de estabelecimentos em subestratos de área é a seguinte:

SUBESTRATOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	Nº EST. P/SUBESTRATO/TOTAL DE ESTAB. POR MUNIC.
0-10	51	18,5
10-20	53	19,3
20-50	98	35,6
50-100	41	14,9
100-150	11	4,0
+ 150	21	7,6
0 - + 150	275	100,0

Em termos de participação dos estratos de estabelecimentos na área total do município, observa-se uma maior concentração das terras nos estratos maiores de 100ha. Assim, os estabelecimentos menores de 100ha ocupam 49% da área do município, enquanto os maiores de 100ha ocupam 51% do total municipal. A concentração é ainda maior quando se observa que 41,5 da área do município está ocupada por estabelecimentos maiores de 150ha.

QUADRO 6

DEMONSTRATIVO DAS CULTURAS POR ESTRATO DE ÁREA, SEGUNDO A CONDIÇÃO DE PRODUTOR<sup>1</sup> E RELAÇÕES DE TRABALHO<sup>2</sup>

ESTRATO (em ha)	0 - 100		100 - 500		+ 500	
	CONDIÇÃO DO PRODUTOR	RELAÇÕES DE TRABALHO	CONDIÇÃO DO PRODUTOR	RELAÇÕES DE TRABALHO	CONDIÇÃO DO PRODUTOR	RELAÇÕES DE TRABALHO
Café	Proprietário	Mão-de-obra familiar e parceria	Proprietário	Parceria e assalariamento temporário	Proprietário	Parceria e assalariamento temporário
Pecuária	Proprietário	Mão-de-obra familiar	Proprietário e arrendatário	Assalariamento permanente	Proprietário	Assalariamento permanente
Milho e Feijão	Proprietário	Mão-de-obra familiar e parceria	Proprietário	Parceria	Proprietário	Parceria
Alho			Proprietário	Diarista		

<sup>1</sup>Vide Anexo o código de preenchimento

<sup>2</sup>Vide Anexo o código de preenchimento

Fonte: Escritório Local da EMATER - Dezembro/81.



É a seguinte a distribuição da área ocupada do município, por subestratos menores:

SUBESTRATOS	ÁREA (ha)	% ÁREA SUBESTRATOS/ÁREA MUNIC.
0-10 (ha)	344,18	2,36
10-20	807,29	5,52
20-50	3.205,14	21,94
50-100	2.810,11	19,24
100-150	1.357,10	9,29
+ 150	6.084,52	41,65
TOTAL	14.608,34	100,00

De uma forma localizada, apesar de aparecer com os dominantes em todo o município, o subestrato de 20-50ha sō mantēm essa dominância no setor censitário 2, juntamente a uma subdominância nos setores 4 e 5. Em termos de área, o subestrato de estabelecimentos de + 150ha ē dominante nos setores 3, 5 e 6, além de ser subdominante no setor 2. O setor 4 apresenta uma dominância em área, dos estabelecimentos entre 50-100ha, o que indica ser aquele, um setor onde predominam os estabelecimentos pequenos, uma vez que o subestrato de 50-100ha também subdomina em termos de número de estabelecimentos no setor 4.

Segundo os técnicos da EMATER, o município se caracteriza por uma predominância de pequenas propriedades, havendo apenas 27 propriedades maiores de 100ha, das quais somente 2 ocupam uma área superior a 500ha. Dentre as menores de 100ha, há uma maior concentração de propriedades no subestrato de 10-25ha.

As grandes propriedades costumam ter como atividade principal a pecuária, apesar de também cultivar o café. Nas pequenas, apesar da área ocupada pela pecuária suplantar a do café, este proporciona uma maior renda para aquele estrato de produtores. Milho e feijão são culturas mais exploradas nas pequenas propriedades, enquanto o arroz e o alho são produzidos em pequena escala por propriedades de tamanho médio.

No referente à *condição do produtor*, o arrendamento costuma ser utilizado por médios proprietários na atividade da pecuária. Os contratos costumam ter a duração de 5 a 6 anos, sendo lavrados em cartório. A parceria autônoma não chegou a ser identificada pelos técnicos da EMATER, restando a hipótese de tratar-se de estabelecimentos cedidos à meia, a filhos ou parentes. As ocupações antigas de terra se constituiriam em falta de titulação definitiva, o que seria bastante comum no município.

O levantamento do IBGE, baseado nas informações do censo de 80, referente à distribuição dos estabelecimentos agropecuários por *condição do produtor*, apresentam um total de 247 proprietários, 6 arrendatários, 3 parceiros (autônomos) e 19 ocupantes.



#### 4.2. ESTRUTURA AGRÁRIA POR CULTURA

A descrição das relações de trabalho terá como base cada tipo específico de cultura.

##### - Café

De uma forma geral, o café costuma ser cultivado através da mão-de-obra familiar e da parceria nos pequenos estabelecimentos. Nos estabelecimentos de 0-60ha costuma haver uma dominância da mão-de-obra familiar sobre a mão-de-obra do parceiros, sendo que os últimos passam a ter uma importância numérica maior nos estabelecimentos maiores de 60ha.

Os médios e grandes estabelecimentos também utilizam principalmente a parceria para o trato do café, ocorrendo também em certos casos a incidência de diaristas. A utilização de diaristas é maior na época da colheita, quando são recrutados trabalhadores de Guaçuá e da sede do município.

A relação usual de parceria, no município, é a divisão da produção à meia, arcando o proprietário com o ônus do custo de insumos modernos. Além dos meeiros que moram no estabelecimento do proprietário, há uma grande incidência desse tipo de trabalhador que mora na sede do município e cultiva café à meia.

Segundo os técnicos da EMATER, é pequena a parcela de parceiros sobre o total de diaristas contratados na época de colheita. Nessa época, a maior parte dos diaristas é constituída por bôias-frias. Diferente do médio e grande proprietário, que utiliza bôia-fria na época da colheita, o pequeno proprietário costuma se utilizar da *troca de dias* com outros proprietários ou meeiros, uma vez que lhe falta capital para contratar diaristas nessa fase do ciclo produtivo.

Os cultivos de milho e feijão estão, via de regra, associados à atividade de cafeeira. Se apresentam como culturas de subsistência e servem para complementar a remuneração do parceiro e do pequeno proprietário. Essas culturas são normalmente plantadas nas ruas do café, e a relação usual é a divisão do produto à terça, quando o café já está em produção.

#### - Pecuária

A pecuária de leite, apesar de se constituir na principal atividade das médias e grandes propriedades, e apenas numa das atividades das pequenas propriedades, apresenta uma concentração da produção de leite nos pequenos estabelecimentos.

Nesses pequenos estabelecimentos, a força de trabalho utilizada na atividade leiteira é a mão-de-obra familiar. Essa atividade aparece, ora como complementar ao cultivo do café, ora como atividade específica e principal da pequena unidade produtiva.

Nas médias e grandes propriedades, a força de trabalho utilizada é o campeiro, que se constitui em um tipo de assalariado permanente, por ser um mensalista. Segundo os técnicos da EMATER, não há mais que 30 campeiros no município, os quais recebem mensalmente, um salário médio que varia entre 10 e 15 mil cruzeiros.

#### - Arroz e Alho

O arroz é cultivado em apenas uma propriedade de tamanho médio. Não foi explicitada a relação de trabalho envolvida nesse cultivo, mas por tratar-se de uma lavoura de apenas 2ha, presume-se que seja um cultivo de subsistência tocado à parceria.

O alho, a ser introduzido em 82, deverá contar com uma utilização de diaristas, relação para a qual não se tecem maiores considerações.

A distribuição espacial das relações de trabalho através de uma dominância provável por setor censitário, obtida através de inferência estatística, é a seguinte:

## QUADRO 7

## POPULAÇÃO OCUPADA E RELAÇÕES DE TRABALHO PROVÁVEIS SEGUNDO SETORES CENSITÁRIOS

## MUNICÍPIO DE DIVINO DE SÃO LOURENÇO

SETOR CENSIT.	POPULAÇÃO OCUPADA	DOMINÂNCIA PROVÁVEL	SETOR	POPULAÇÃO OCUPADA	DOMINÂNCIA PROVÁVEL
2	226	MOF			
3	283	MOF			
4	121	MOF			
5	218	MOF			
6	370	PA-MOF			

POPULAÇÃO TOTAL OCUPADA: 1.258

MÃO-DE-OBRA FAMILIAR (MOF): 1.042

ASSALARIADOS PERMANENTE (AP): 65

ASSALARIADOS TEMPORÁRIOS (AT): -

PARCEIROS (PA): 150

OUTROS: 1



5.

## COMERCIALIZAÇÃO

Os produtos comercializados são principalmente café e leite e em escala bastante menor o milho e feijão.

A comercialização do café é feita através de intermediários, quais sejam: Liparizzi Café S/A (Guaçuí), Sebastião de Paula (Guaçuí) e Carlos Emere Lobato, sendo que este último é comprador local da Liparizzi.

O café que não é comercializado através do Sr. Carlos Lobato, é transportado pelos produtores para Guaçuí e vendidos diretamente aos outros dois compradores supra-citados, estando o café beneficiado ou não.

Quanto ao beneficiamento, há no município 5 máquinas volantes, sendo que dos proprietários destas máquinas o único que é comprador de café é o Sr. Carlos Lobato anteriormente citado.

O leite da região é comprado pela Cooperativa de Laticínios de Guaçuí (Colagua), a qual tem linhas de leite no município.

Apesar do volume de produção do milho ser superior ao do feijão, segundo os técnicos da EMATER, destes dois produtos, apenas o feijão é comercializado fora do município.

O milho é vendido a nível local entre os produtores para alimentação e engorda de animais.

O feijão é também considerado cultura de subsistência, sendo que além de seguir a mesma comercialização do milho, há um excedente que é vendido diretamente aos comerciantes de Guaçuí.

Quanto aos problemas à comercialização, foi citado pelos técnicos da EMATER a falta de armazenagem. Não há armazém oficial e a maioria dos produtores não dispõem de tolhas.

As oscilações de preço também são apontadas como graves problemas, sendo que no município é muito conhecido um problema desse nível que ocorreu com a batata e que inclusive fez com que os produtores nunca mais voltassem a cultivar esse produto. Há algum tempo atrás, incentivou-se o plantio da batata o que acarretou numa super-produção, tendo os produtores locais se utilizado, até mesmo, do almoxarifado da prefeitura para a armazenagem, sendo que na época de vender o produto, o preço estava baixíssimo, fazendo com que a maior parte dos produtores perdessem quase a totalidade de sua produção, criando na mesma região uma verdadeira fobia por parte dos produtores a este tipo de cultura.

Porém, apesar dos problemas acima citados, foi apontado como principal problema a comercialização, segundo relato local, o endividamento dos produtores junto aos intermediários, o que inclusive, muitas vezes impossibilita a retenção da produção à espera de melhores preços.

## 6. INTERVENÇÃO DO ESTADO NA PRODUÇÃO E NA COMERCIALIZAÇÃO

---

O financiamento da produção e comercialização, no município, vem sendo realizado através da rede bancária oficial e intermediários locais de café.

No banco, a maior disponibilidade de financiamento se concentra no crédito de custeio para as culturas de milho e feijão. Para a pecuária, a linha de financiamento mais utilizada, o Propec, não atendeu aos pecuaristas do município. Para o café, houve pouca disponibilidade de financiamento para custeio, e nenhuma para investimento. Houve algumas operações de preços mínimos (EGF), as quais, apesar de não ter sido discutido com o pessoal da EMATER, supõe-se terem sido realizadas com intermediários de café.

Das linhas especiais, o PROVÁRZEAS é o mais importante em termos de canalização de recursos para a agricultura do município. Já existe um serviço de drenagem pronto, que vai servir para o plantio de milho, feijão e talvez uns 2 ou 3ha de alho, nos 13,5ha do projeto. Também há um projeto de sistematização de 25ha em Limo Verde, que servirá para um plantio de alho e feijão. Além desses, ainda há mais dois projetos encomendados.

O financiamento realizado através de intermediários de café é muito importante no município, o que, para os técnicos da EMATER, tem vários fatores explicativos. Primeiramente, há uma certa escassez até para o custeio de café, o que obriga o produtor a pegar empréstimo com o comprador de café. Outro motivo importante estaria centrado na tradição e simplicidade do produtor, que diante de toda a *pompa* e burocracia do banco, *até para chegar no banco não tem jeito*, sendo obrigado a apanhar empréstimos com o intermediário quando se aperta com o plantio por conta própria. Em outros casos mesmo tendo acesso ao crédito, o produtor também se endivida junto ao intermediário, uma vez que, segundo os cálculos do pessoal local da EMATER, o valor básico de custeio (VBC) não cobre nem 70% dos gastos da lavoura, fazendo com que os outros 30% tenham que ser

inteirados com juro particular. Normalmente há um laço de dependência do produtor para com o comprador de café e os pedidos de empréstimos es tão quase sempre relacionados à promessa de venda da futura produção, a lém dos altos juros (até 15% ao mês) cobrados.

Geralmente os arrendatários pagam o crédito através de uma de suas pro priedades, enquanto o meeiro raramente tem acesso. O meeiro normalmen te financia sua lavoura através do proprietário, mediante repasse do crê dito oficial.

As formas de garantia mais utilizadas pelo banco são: o aval, para os financiamentos de custeio, e a hipoteca para a formação de cafezais e crédito para investimento de altas quantias.

Sobre perda de terras, o técnico da EMATER informou haver algumas pro priedades nas mãos do BANESTES e BB. Para ele, o maior endividamento é o do médio e grande produtor, pois é o que mais toma emprestado. Se es tes sabem da existência de algum crédito no banco, nem pensam duas ve zes, logo o apanham.

DISPONIBILIDADE DE FINANCIAMENTO PARA A PRODUÇÃO (E COMERCIALIZAÇÃO) POR CULTURA, A NÍVEL DE ESTABELECIMENTO AGROPECUÁRIO

MUNICÍPIO DE: DIVINO SÃO LOURENÇO

- a) Em relação a fontes de financiamento  
 b) Em relação a linhas de financiamento

CULTURAS	FONTES DO CRÉDITO AGRÍCOLA		LINHAS DE FINANCIAMENTO CRÉDITO AGRÍCOLA				
	FORMAL (BANCOS)	INFORMAL (INTERMEDIÁ- RIOS/INDÚSTRIA)	POL. CRÉDITO AGRÍCOLA			POL. PREÇOS MÍNIMOS	
			INVESTIMENTO	CUSTEIO	COMERC.	EGF (EMPRESTIMOS DO GOV. FEDERAL)	AGF (AQUISIÇÃO DO GOV. FEDERAL)
Café	X	X		X			X
Milho	X			X			
Feijão	X			X			
Arroz	X			X			
Pecuária							

Fonte: Escritório Local da EMATER - Dezembro/81.

7.

## POPULAÇÃO E SITUAÇÃO SOCIAL

O município de Divino São Lourenço foi colonizado por Portugueses, apresentando, segundo os dados do Censo Demográfico de 80 (IBGE), uma população de 3.443 pessoas, com um predomínio de brancos.

Há duas comunidades negras no município: a de Córrego Azul, que é maior delas contando com cerca de 45 famílias, e a de Floresta onde encontramos também moradores brancos.

Quanto à religião, a mais professada é a católica, havendo, ainda, uma Igreja Assembléia de Deus, na sede, e 3 (três) centros de macumba.

Segundo a análise migratória feita com base nos dados do IBGE de 70 e 80, o município como um todo, com exceção apenas do setor de produção que se manteve estável, constituiu-se como área de expulsão populacional, os técnicos da EMATER ventilaram como possível causa, uma extensão do impacto da erradicação de café que se deu na década anterior. Outra possível causa seria a forte atração exercida por Guaguá no que tange ao aumento da demanda por bôias-frias.

De acordo com o relato local, os médios e grandes proprietários (conceito da EMATER > 100ha) ao saírem do campo, não vendem suas propriedades, passando apenas a administrá-las dos centros urbanos e visitando-as periodicamente, ao passo que quando se trata de pequeno proprietário (< 100ha), esse por motivos conjunturais, vê-se obrigado a vender sua propriedade e transforma-se em bôia-fria.

Sobre os costumes locais vemos de modo marcante a divisão do trabalho entre homens e mulheres, às quais cabem os trabalhos domésticos e criações de fundo de quintal, ficando os cuidados com a agricultura e com o gado por conta do trabalho masculino.

Os jovens costumam casar por volta dos 21 anos, observando-se um maior controle de natalidade relativamente aos casais mais antigos, predominando uma média de 3 filhos por famílias.

A situação social de Divino de São Lourenço é bastante deficiente, e permite observar o alto grau de polarização que o município de Guaçuí exerce sobre ele:

- Não possui sindicatos, dispondo apenas de representantes dos sindicatos de Guaçuí.

Os pequenos produtores são associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais recebendo deste, apenas, assistência odontológica e médica-hospitalar.

- Cooperativas: há um posto de Revenda da Cooperativa de Laticínios de Guaçuí (Colagua), da qual os produtos de leite do município são associados.
- Hospitais: não há, estando o mais próximo em Guaçuí, a uma distância de 19km em estrada de chão, aliás, Divino de São Lourenço é o único município do Estado sem ligação asfáltica<sup>1</sup>. Dispõe apenas de uma unidade sanitária (US-2) na sede<sup>1</sup>, onde também se localiza o único posto telefônico do município<sup>1</sup>.
- Escolas: possui 22 escolas, sendo que destas, 21 são de 1º Grau e 1 (uma) de 1º e 2º Graus, oferecendo o curso de Habilitação para o Magistério.

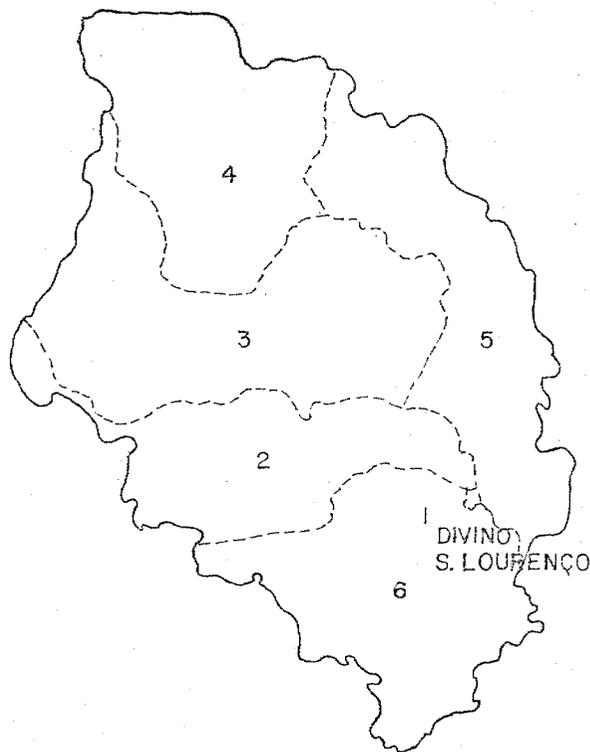
Quanto às lideranças locais, constatamos tratar-se de grandes agropecuaristas, tendo sido citado, a título de exemplo, o Sr. Carlos Emeri Lobato, que é cafeicultor, proprietário de máquina volante de beneficiamento de café, grande comprador de café e Presidente da Câmara de Vereadores.

---

<sup>1</sup>Fonte: Prefeitura Municipal de Divino de São Lourenço

Em síntese, Divino de São Lourenço é um município pequeno, bastante polarizado por Guaçuí, com um grau de organização social extremamente incipiente e com sérias deficiências no que tange, principalmente, a saúde e transporte (especialmente nos períodos chuvosos).

# DIVINO S. LOURENÇO



Setores censitários

DO DA TERRA  
 VICÍPIO: DIVINO DE SÃO LOURENÇO

SETOR ENSILTIÁRIO	TOTAL DE ÁREA OCUPADA (ha)	LAVOURA PERMANENTE (ha)		LAVOURA TEMPORÁRIA (ha)		BOVINOS	ÁREA DE PASTAGEM (ha)		OUTROS		DOMINA ÇÃO	CONVER SÃO
		ÁREA	%	ÁREA	%		ÁREA	%	ÁREA	%		
2	2.196,12	406,90	18,53	45,50	2,07	813	999,99	45,53	743,73	38,87		
3	4.312,12	653,70	15,16	43,20	1,00	1.583	1.947,09	45,15	1.668,13	38,68		
4	1.448,48	229,68	15,86	4,84	0,33	644	792,12	54,69	421,84	29,12		
5	2.548,68	610,52	23,95	97,60	3,83	1.193	1.467,39	57,57	373,17	14,64		
6	4.102,94	960,28	23,40	60,02	1,46	2.510	2.930,83	71,43	151,81	3,7		
TOTAL	14.608,34	2.861,04	19,6	251,16	1,7	6.743	8.137,42	55,7	3.338,68	22,9		

ONTE: Dados Preliminares do Censo Agropecuário de 1980. FIBGE.

